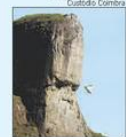


# A recompensa de Nuzman



É o momento de darmos muito mais atenção aos jovens atletas

**COPENHAGUE** Em 2005, quando a candidatura do Rio para sediar as Olimpíadas de 2012 morreu no nascedouro, Carlos Arthur Nuzman alegou as mágoas no trabalho: menos de 24 horas depois de dar entrevistas, justificando uma segunda tentativa frustrada carioca em sua gestão à frente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), já estava em reuniões com os dirigentes estrangeiros avaliando os pas-

sos para que uma nova empreitada tivesse final diferente. Essa obsessão, nem sempre boa para a saúde, foi recompensada com um lugar na história do esporte brasileiro. E Nuzman deixou anos de frustração escapar ao comemorar, eufórico, o anúncio do Rio como primeira cidade olímpica sul-americana a receber os Jogos. Ao chegar para a entrevista coletiva oficial, ainda tinha o que desabafar, embora estivesse também preocupado em evitar que o entusiasmo da delegação bagunçasse o protocolo oficial.

— Quando o Rio ficou fora da final da disputa por 2012, fui ao escritório do presidente do COJ e agradei, dizendo que tínhamos aprendido muito e que voltaríamos mais preparados — disse Nuzman. Ao contrário do festival de lágrimas protagonizado até pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do COB conteve o choro após o anúncio da vitória. Atribuiu o êxito ao fato de ter ensaiado diversas vezes sua participação na apresentação da candidatura do Rio, ontem, em Copenhague. Em especial ao fato

de assistir ininterruptamente aos vídeos feitos pelo diretor Fernando Meirelles. — Claro que estava emocionado, mas assisti ao vídeo umas 30 vezes. Sabia que precisávamos de toda a concentração do mundo. Hoje, após a participação no Congresso Olímpico, do qual o anúncio foi apenas uma parte, Nuzman já retoma a agenda atribulada: viaja ao Rio para compromissos pessoais e, 24 horas depois, já estará de volta à Dinamarca. Com a alma bem mais leve, porém: seu sonho foi realizado.

**Presidente do COB fez de tentativas frustradas o caminho para o sonho da vitória**

# Vocês não podem, Obama

**Americanos demoram a entender que a sua candidata havia sido eliminada**

**Gilberto Scorfeld** WASHINGTON presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, reagiu com *surpresa* à eliminação de Chicago. Ele deu os parabéns à cidade do Rio, observou que a primeira vez que os Jogos aconteceriam na América do Sul, e afirmou que agora para o presidente Lula para dar as congratulações pela vitória. Apesar da política de boa vi-

zinhos, Obama passou a briga para Chicago, que, segundo ele, apresentaria "o melhor projeto que poderia ter sido feito". — As vezes, você tem uma equipe que atua da melhor forma possível, mas ainda assim pode não ganhar o jogo. Nos Estados Unidos, a eliminação deixou surpresos moradores de Chicago e muitos apresentadores que transmitiram a escolha da cidade ao vivo. Eles demonstram a entender que a cidade tinha sido eliminada. — Eu estou chocado como cada um de vocês — afirmou o jogador de basquete Michael

Jordan em entrevista à rede de TV NBC. O correspondente da rede de TV CNN em Copenhague, Ed Henry, chegou a citar a hipótese de um comitê do Rio, que teria pedido aos membros do COI para votar em Tóquio de modo a enfraquecer "uma das favoritas, Chicago". Os moradores de Chicago, o Comitê Olímpico Americano e a grande imprensa podem ter ficado surpresos com a eliminação, mas o fato é que a candidatura de Chicago nunca decolou, nem mesmo entre os moradores da cidade. Em recente

pesquisa do "The Chicago Tribune" WGN, 45% dos moradores não queriam os Jogos lá. As críticas iam do caráter alarmante corrupto dos políticos de Chicago à despesa dos Jogos Olímpicos num momento em que o país enfrenta uma das suas maiores crises econômicas. Agora, muitos republicanos estão aproveitando a derrota da cidade para criticar Obama. Na internet, já se pode ver a imagem do presidente com os dizeres: "Não, nós não podemos" (uma paródia do slogan de campanha de Obama "Yes, we can" (Sim, nós podemos)).



Eu estou chocado como cada um de vocês

## Havelange pede presente para ganhar a platéia

Ex-presidente da Fifa comove delegados aos lembrar que completará 100 anos em 2016

**COPENHAGUE** Depois de apresentações de Chicago e Tóquio, coube a João Havelange trocar o silêncio da platéia por aplausos ao abrir a exploração carioca com um discurso tão sentimental quanto convincente. Além de rememorar as origens de sua vida de atleta olímpico, o presidente de honra da Fifa e membro mais antigo do COI pediu aos delegados os Jogos no Rio como presente de aniversário pelos 100 anos, celebrados em 2016. A data marcará também os 50 anos do ingresso de Havelange no movimento olímpico — participou como nadador dos Jogos de 1936, em Berlim, em que Jesse Owens e suas quatro medalhas de ouro desafiaram o racismo de Hitler. Num duelo de lidas esportivas, Havelange levou a melhor sobre Juan Antonio Samaranch, o ex-presidente COI, que também apelou ao sentimentalismo na defesa da candidatura de Madrid. Ao contrário do espanhol, Havelange não se tornou um ícone do qual o movimento olímpico precisava se desvincular. As duas décadas de comando de Samaranch no COI ficaram marcadas pelo escândalo de

**AGORA O BRASIL É PRESENÇA OLÍMPICA NO MUNDO. E PRESENÇA EM TODOS OS LUGARES E MOMENTOS DO BRASIL É BRADESCO.**

**Parabéns, Rio de Janeiro. Sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.**

Foram milhares de pessoas que apoiaram e marcaram presença no telão do Bradesco, em Copacabana.

**Bradesco**



## Pela terceira vez, decepção em Madri

No centro da cidade, espanhóis assistem desolados a mais uma derrota no COI

**MADRI** Na Espanha existe uma expressão que diz: "A la tercera va la vencida". Ou seja, se não se conseguiu um objetivo na primeira ou na segunda tentativa, na terceira, com certeza, se alcança a vitória. Mas o dito não se confirmou, e os madrilenos que acompanhavam a transmissão do anúncio do Comitê Olímpico Internacional em telões na Praça Oriente, em frente ao Palácio Real, no centro da cidade, ficaram desolados. Depois de perder a concorrência para Munique, em 1972, e para Londres, em 2012, Madri viu seu sonho de sediar os Jogos Olímpicos ir por água abaixo mais uma vez. Entre as caras de decepção, a conservadora vice-preleita, Ana Botella, esposa do ex-presidente do governo espanhol, José María Aznar, não escondia suas lágrimas. — Pena. Me dá muita pena, porque Madri tinha um grande projeto e também uma grande esperança. Foi uma enorme desilusão. O universitário Carlos Cuellar, de 22 anos, que abraçava nervoso uma das cinco mil enormes mãos que simbolizavam o logotipo da campanha de Madri 2016, sabia que o Rio era um concorrente forte. — O Rio era o nosso pior rival. Eu tentei que perdessem uma vez mais. Estava com o estômago embrulhado. E, efetivamente, perdemos — disse, surpreso com a eliminação de Chicago. — Fiquei petrificado quando vi que Chicago tinha sido a primeira cidade desclassificada. Pensava que seria Tóquio. O COI não se deixou influenciar pela figura de Obama. **Bandeiras e maozinhos abaixados** Antes de o resultado final ser anunciado, ontem, grupos de brasileiros com caras pintadas de verde e amarelo, canções patrióticas e bandeiras mostravam seu apoio ao Rio no meio de um mar de mãos gigantes multicoloridas e de bandeiras espanholas. Logo depois do anúncio que deu a vitória ao Rio, todas as enormes mãos e as bandeiras espanholas foram imediatamente abaixadas e a praça começou a esvaziar pouco a pouco, mas os brasileiros deram continuidade à festa. — Se Madri ganhasse, teríamos mais trabalho por aqui, mas não sei se aguentaria morar longe dos meus filhos sete anos mais — afirmou Valéria Rocha Mendes, de 33 anos, que saiu de Resende há três anos e meio, para tentar a vida em Madri, onde trabalha como diarista e manicure. — Agora, se eu voltar para o Rio perto das Olimpíadas vai ser difícil não conseguir algum emprego. ■



HAVELANGE (À ESQUERDA) é beijado por Nuzman ao acabar seu discurso

## As lágrimas de um futuro promissor

Velocista Bárbara Leônico, de 17 anos, emociona auditório na apresentação

**COPENHAGUE** Habitada no asfalto inadequado para treinos que cobre a pista de uma escola municipal em Curitiba, a jovem velocista Bárbara Leônico, de 17 anos, sabe que o Rio de Janeiro ainda tem um longo caminho a pavimentar até os Jogos de 2016. Ontem, a finalista campeã dos 200m rasos no Mundial de Menores de 2007 rasboub a cena em Copenhague com suas lágrimas durante a apresentação do vídeo da candidatura brasileira. Bárbara chorou e emocionou todo o auditório, na capital dinamarquesa, quando a velocista brasileira medalhista de bronze em Pequim 2008 Isabel Swanv aproveitou o momento em que o vídeo

brasileira exibiu trechos da carreira da velocista para afirmar que cobre a pista de uma escola municipal em Curitiba, a jovem velocista Bárbara Leônico, de 17 anos, sabe que o Rio de Janeiro ainda tem um longo caminho a pavimentar até os Jogos de 2016. Ontem, a finalista campeã dos 200m rasos no Mundial de Menores de 2007 rasboub a cena em Copenhague com suas lágrimas durante a apresentação do vídeo da candidatura brasileira. Bárbara chorou e emocionou todo o auditório, na capital dinamarquesa, quando a velocista brasileira medalhista de bronze em Pequim 2008 Isabel Swanv aproveitou o momento em que o vídeo



BARBARA CHORA durante a apresentação do vídeo carioca ontem

## Sem apoio popular, Tóquio não fica acordada na hora H

Na capital japonesa, sede dos Jogos de 1964, população mostra desinteresse pela sorte da candidatura local

**TÓQUIO** A chuva fina que caía durante todo o dia de ontem e o horário ingrato da escolha da sede das Olimpíadas de 2016 — era madrugada em Tóquio quando o Comitê Olímpico Internacional votava na Dinamarca — pareciam confirmar que não eram muitas as chances de a capital japonesa ganhar a briga. Não havia clima de expectativa nas ruas e o sistema de transporte e a segurança. O primeiro impedimento, e a segunda surpresa: Tóquio tem uma taxa de apenas 1,4 bilhão de habitantes. O financiamento das obras também já estava garantido. O governador da capital, o popular Shintaro Ishihara, o homem

mais empenhado na vitória japonesa, anunciou que já havia US\$ 4 bilhões depositados num fundo para o projeto. Pode parecer pouco para a capital da segunda maior economia do mundo, mas o relatório apresentado ao Comitê Olímpico Internacional sustentava que das 34 instalações esportivas dos Jogos, 23 já existiam — um legado das Olimpíadas de 64. O ponto mais fraco da candidatura de Tóquio era a falta de apoio popular. Pesquisa feita pelo COI afirmou que só 55% dos moradores da cidade queriam os Jogos. Na reta final da campanha, as autoridades japonesas sustentavam que esse apoio já havia superado os 80%. ■



DECEPÇÃO EM TÓQUIO: pouca gente interessada na decisão do COI